

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Santo Agostinho contra os Maniqueus: considerações sobre conceito de ortodoxia e heresia
em Confissões.

MACEIÓ – AL
2019

FRANCISCO VICENTE FERREIRA

Santo Agostinho contra os Maniqueus: considerações sobre conceito de ortodoxia e heresia em Confissões.

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em História, apresentado no Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes – ICHCA, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Raquel de Fátima Parmegiani.

MACEIÓ – AL

2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário: Marcelino de Carvalho

F383s Ferreira, Francisco Vicente.

Santo Agostinho contra os maniqueus : considerações sobre conceito de ortodoxia e heresia em confissões/ Francisco Vicente Ferreira. – Maceió, 2019.

40 f. : il.

Orientadora: Raquel de Fátima Parmegiani.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2019.

Bibliografia: f. 39-40.

1. Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. Confissões. 2. Heresias cristãs. 3. Igreja Católica - África. 4. Maniqueísmo. I. Título.

CDU: 94:2

Folha de Aprovação

Francisco Vicente Ferreira

Santo Agostinho contra os Maniqueus: considerações sobre conceito de ortodoxia e heresia em Confissões.

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em História, apresentado no Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes – ICHCA, da Universidade Federal de Alagoas.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Raquel de Fátima Parmegiani.

Prof.^a Dr.^a Raquel de Fátima Parmegiani – ICHCA / UFAL (Orientadora)

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Célia Nonata da Silva – ICHCA / UFAL (Examinadora Titular)

Prof.^a Dr.^a Irinéia Maria Franco dos Santos – ICHCA / UFAL (Examinadora Titular)

Prof.^a Dr.^a Lídia Baumgarten – ICHCA / UFAL (Examinadora suplente)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE HISTÓRIA

TERMO DE APROVAÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado
*“Santo Faustino contra os Maniqueus: cenários para o povo
cercado de estereótipos e lutas em contextos”*
elaborada(o) por
Francisco Vicente Senuro e aprovado por
todos os membros da Banca Examinadora com nota 80 cumprindo as exigências
para obtenção do título de Licenciatura em História.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.(a) *Raquel do Salino Parmigiani*
Orientador (a):
Prof.(a) *Lelei*
1º Examinador (a):
Prof.(a) *[Assinatura]*
2º Examinador (a):

Maceió, Alagoas
10/04/2019

A Deus minha inspiração do auto, a minha mãe Madalena a qual sempre me fez lutar pelos meus objetivos e jamais deixou um só filho por qualquer motivo e a meu filho Antony Vicente luz de minha vida.

Agradecimentos

À professora Doutora Raquel de Fátima Parmegiani, que me orientou na elaboração e desenvolvimento deste e outros trabalhos acadêmicos. À minha esposa Laryssa Moraes, que soube ser compreensiva em todos os momentos desde tempos de namoro. À meu irmão Edvaldo, que várias vezes me concedeu ajuda financeira para compra de subsídios acadêmicos tais como livros, e cópias. À meus colegas de formação, que sempre souberam ser leais amigos durante o curso de licenciatura em História. E, por fim, ao professor Robertinho, que me mostrou que nossos objetivos devem ser conquistados todos os dias.

RESUMO

Este trabalho quer refletir, por meio da análise da obra “Confissões” de Santo Agostinho, a respeito das rivalidades e os conflitos vividos por este doutor da Igreja Cristã Ocidental. Em especial as refutações dogmáticas e as práticas heréticas de Mani e seus seguidores chamados maniqueístas. Tais conflitos marcaram o processo constituinte das práticas culturais da Igreja cristã Ocidental.

A figura e a obra de Santo Agostinho são lócus privilegiado para a análise deste processo, visto que a Igreja africana - região aonde foi bispo – foi marcada por disputas teológicas que se deram em torno da presença e atuação de Faustus, um dos grandes exegetas maniqueísta da época, assim como do bispo cristão Ambrósio, um dos principais opositores destas ideias de fé.

Agostinho insere-se ativamente dentro desta guerra de palavras. Sendo um dos mais talentosos escritores da Antiguidade tardia, colocou sua habilidade a serviço do cristianismo Católico. Suas argumentações contra as ideias maniqueístas, - das quais muitas vezes não pôde evitar a influência em seus escritos -, nos abre caminho à uma análise, da forma como se forjaram os instrumentos de luta entre os grupos cristãos divergentes e como eles contribuíram para a construção de uma ortodoxia cristã.

Palavras – chave: Heresia, Santo Agostinho, Igreja Africana.

ABSTRACT

This work wants to reflect, through the analysis of the work "Confessions" of Saint Augustine, regarding the rivalries and the conflicts experienced by this doctor of the Western Christian Church. Especially the dogmatic refutations and heretical practices of Mani and his followers called Manichaeans. These conflicts marked the constituent process of the cultural practices of the Western Christian Church.

The figure and work of Saint Augustine are a privileged locus for the analysis of this process, since the African Church - region where it was bishop - was marked by theological disputes that took place around the presence and performance of Faustus, one of the great Manichean exegetes of the time, as well as of the Christian bishop Ambrose, one of the main opponents of these ideas of faith.

Augustine actively inserts himself into this war of words. Being one of the most talented writers of late antiquity, he put his skill at the service of Catholic Christianity. His arguments against Manichean ideas, which he often could not avoid influencing in his writings, opens the way to an analysis of how the instruments of struggle between the divergent Christian groups were forged and how they contributed to the construction of a Christian orthodoxy.

Key - words: Heresy, Saint Augustine, African Church.

Sumário

Introdução.	9
1 Contexto sócio político de Santo Agostinho.	12
1.1 - Breve biografia de Agostinho.	13
1.2 - A África romana nos tempos de Agostinho.	16
2 As Heresias e as refutações de Agostinho contra elas	18
2.1 - O que é Heresia?	19
2.2 - Embates de Agostinho contra as heresias em Confissões	23
3 Argumentos de Santo Agostinho contra o maniqueísmo	28
3.1 - O discurso apologético e a questão da verdade.	29
3.2 - Apologia de Agostinho contra os maniqueus.	30
Conclusões finais.	34
Anexos:	36
Referencias bibliográficas.	40

Introdução:

Nosso trabalho parte da análise da obra de Agostinho, *Confissões*, a qual marca seu processo de conversão ao cristianismo católico (entendido aqui como aquele que segue as normas aprovadas no I Concílio de Niceia), no que ela nos pode oferecer sobre as ideias do autor sobre a relação entre a religião maniqueísta e cristã. Nosso intuito é mostrar como a construção da ortodoxia católica está atrelada aos movimentos heterodoxos que foram se formando à sua margem. Ou seja, queremos mostrar como esses movimentos são parte da sua história da Igreja e essenciais a construção das suas narrativas sobre sua origem e progressão ao longo do tempo.

Para alcançar tal objeto, no primeiro capítulo faremos uma breve biografia da vida de Agostinho e o contexto sócio político e histórico no qual sua obra foi construída. Buscaremos tratar também da forma como a Igreja estava organizada nos primeiros anos da oficialização do cristianismo, como religião do Império romano; principalmente, aquela do norte da África, região na qual viveu Agostinho e onde o maniqueísmo foi bem difundido entre as populações locais, ganhando adeptos das mais variadas classes sociais. Entre eles Faustus, nobre de Cartago que assumiu um papel importantíssimo na luta doutrinal de Agostinho contra a doutrina dos maniqueus.

No segundo capítulo abordaremos as discussões historiográficas sobre heresia e ortodoxia, assim como traremos a documentação do período sobre o assunto. Procuramos investigar, no discurso de Agostinho, sua visão sobre aqueles que, para ele, eram heréticos. Ficam claro na sua argumentação que estes eram homens e mulheres que “viviam no erro”, eram “heréticos” porque trabalhavam para enganar seus seguidores (aqueles que escreviam e pregavam), pobres e ignorantes ouvintes, com palavras que “não viviam das escrituras da Igreja”.

Por fim, em nosso terceiro capítulo, faremos uma análise da obra *Confissões*, documento norteador da nossa investigação. O intuito é acompanhar o processo de argumentação do autor e os meios discursivos usados por ele para esvaziar a força do movimento religioso maniqueísta na região de Hipona. Além disso, buscamos identificar a quem era atribuído a função de herético dentro da narrativa e o papel que esses “inimigos” exerceram na construção de um discurso normativo de fé cristã.

Capítulo 1

Contexto sócio político de Santo Agostinho (354-430 d.C)

1.1 – Breve biografia de Santo Agostinho.

Aurélio Agostinho, mais do que qualquer outra importante personagem dos primeiros séculos da era cristã, viveu profundamente mergulhado nas correntes, pensamentos e oratórias que marcaram a cultura Ocidental na Antiguidade Tardia.

Nasceu no ano de 354, na pequena Tagaste no norte – região africana do Império Romano. Passou a maior parte da sua infância e adolescência na cidade natal: (...) *um ambiente limitado de um povoado entre montanhas*, (SESÉ 2011, p.7).

Fazia parte de uma família de “classe média” cujo pai era pequeno proprietário rural que exercia a função de *curialis*¹ e não era adepto do cristianismo. Sua mãe, Mônica, embora fosse uma fervorosa cristã, não o conseguiu convencer a professar a mesma fé. Ainda criança “², ela o ensinou muito sobre religião catecumenato, mas não o convenceu a se batizar, mesmo depois de adulto.

Na pequena Tagaste, Santo Agostinho cursou as primeiras bases educacionais existentes em sua época e, aos treze anos de idade, foi enviado para concluir seus estudos em Madoura, ali desenvolveu com bons êxitos os estudos e apreciou o conhecimento pela retórica e pelo latim, preparando-se para tornar-se professor, cargo que oferecia um saldo financeiro generoso. Mais tarde, estes estudos lhe valeriam a fama de bom orador e conhecedor das leis romanas: “(...) *eu gostava muito do latim, mas não aquele que é ensinado nas primeiras classes, e sim do que é ensinado pelos chamados gramáticos (...)*”. (Conf. I – 13,20).

Porém, tendo ele que interromper seus estudos por necessidades familiares, retornou para casa de seus pais, ficando, assim, na inatividade e no ócio, à espera que seu pai conseguisse recursos necessários para manter seus estudos: “*todos elogiavam muito meu pai, que gastava mais do que lhe permitia o patrimônio familiar, nas despesas necessárias para a permanência do seu filho longe de casa por motivo de estudos.*” (conf. II – 2,5).

Conseguindo uma ajuda e um incentivo financeiro, para “continuar sua busca pela sabedoria”, Agostinho vê no nobre Romaniano, um abastado amigo de Tagaste, a oportunidade de seguir para Cartago, graças à ajuda que ele lhe ofertara.

Esta cidade, poderosa e rica em outrora, conservava ainda muito do seu antigo esplendor. Não era mais a “segunda Roma” em terras africanas, mas permanecia, de qualquer forma, uma grande cidade, florescente pelo seu comércio e os seus negócios, povoada de

¹ Curialis: membro do conselho municipal (Bernard Sesé 2011, p.7).

² Alude aos ritos com que se introduzia o recém-nascido entre os catecúmenos, e que seriam mais tarde inseridos pela Igreja no rito do batismo.

belos palácios em grandes partes reconstruídos ou restaurados no decorrer do século IV, e também pelas suas numerosas escolas e pelos reconhecimentos de seus professores.

Prosseguindo seus estudos Agostinho se deparou com a leitura da obra de Cícero “*Hortêncio*”, base do ensino de retórica na Antiguidade. A exortação à filosofia contida nesta obra se apresentou para ele tão vibrante e convincente que o conquistou e lhe fez aprofundar em novos estudos no intuito de encontrar respostas para suas próprias interrogações sobre o “deus cristão”, como ele mesmo aponta:

“(…) seguindo o programa normal do curso, chegou-me às mãos o livro de tal Cícero, cuja linguagem – mas não o coração – é quase unanimemente admirada. (...) Devo dizer que ele mudou os meus sentimentos e o modo de me dirigir a ti; ele transformou as minhas aspirações e desejos. Resolvi por isso dedicar-me ao estudo das sagradas escrituras, para conhecê-la.” (Conf. III – 4.7, 5.9).

Porém, não lhe bastou conhecer as obras de antigos escritores das filosofias clássicas, sua desilusão com tais escritores e sua ânsia pelo conhecimento, lhe fez confrontar - se com as leituras bíblicas, que pregava um conceito absoluto de verdade (PAULINELLI, 2014, p. 392),³ assim como com a retórica de Cícero.

A essa altura de sua vida, Agostinho se envolveu amorosamente com uma mulher, com a qual nunca se casou oficialmente, mas com quem teve um filho - Adeodato: “(…) *eu vivi na companhia de uma mulher, a quem não estava unido por legítimo matrimônio.*” (Conf.IV – 2,2)⁴.

Desiludido com os estudos filosóficos, visto que estes não correspondiam mais as suas expectativas quanto aos conhecimentos divinos, Agostinho resolveu aderir a uma corrente religiosa que trazia uma promessa “*missionária e universal*”⁵, este teve início na Babilônia com Mani, o maniqueísmo tais ideias mostraram-se para ele como uma nova fonte de conhecimento, tanto espiritual, quanto humano.

Para Agostinho o maniqueísmo exerceu um fascínio notável em seus escritos. Ele afirma ter encontrado nesta religião três razões primordiais para sua adesão: “(…) *o nome de Cristo, a racionalidade e a formação em lugar de uma fé baseada simplesmente na autoridade da Igreja (...)*” (DROBNER 2003, p.401).

³ Maysa de Pádua Teixeira Paulinelli: “Retórica, Argumentação e discurso em Retrospectiva”, Linguagem em Discurso – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 2, p. 391-409, maio/ago. 2014.

⁴ WESTERMARCK, E. History of Human Marriage. v. II, p. 20. Na antiguidade percorrendo a Idade Média o enlace amoroso do concubinato era comum entre na sociedade romana e só era permitido aos homens.

⁵ Giuliano Vignini (2012) faz uma referência ao maniqueísmo fundado por Mani, que adotava elementos das várias tradições religiosas existentes naquele momento da História.

Agostinho esteve entre os maniqueus por cerca de nove anos. Como ele mesmo diz em suas Confissões: (...) *durante os nove anos que se seguiram, dos dezenove aos vinte e oito anos de idade (...)*. (Conf.IV – 1,1). Sua conversão ao maniqueísmo coincidiu com um alargamento de seus horizontes intelectuais, pois este grupo religioso, segundo ele, pode responder à pergunta que lhe atormentavam em relação ao “problema do mal” (BROWN 2005, p. 57).

Assim, na passagem da juventude para a vida adulta, Agostinho esteve inserido nesta religião, que lhe fornecia um molde singular quanto às formas de cultos que ela oferecia a seus seguidores (BROWN 2005, p 64).

O maniqueísmo foi considerado uma “*heresia*”⁶ pela Igreja, a partir do I Concílio de Niceia (325 d. C), que entre outras coisas, regulou os limites da Igreja em relação aos vários tipos de gnosés⁷ existentes naquela época. Diante deste fato, ao retornar para a casa de sua mãe, esta o expulsou por não aceitar a nova condição de vida religiosa do filho.

O afastamento de Agostinho, em relação ao maniqueísmo, só se deu anos mais tarde, quando ele colocou suas indagações intelectuais e espirituais, em discussão, acreditando que existia um limite de conhecimento do bispo maniqueu Fausto de Milevo, frente às questões que ele considerava importantes para sua fé, a saber, o problema do mal humano, os segredos da natureza física, entre outras: (...) *depois que me pareceu evidente ser aquele homem incompetente nas ciências (...), comecei a desesperar de sua capacidade para explicar e resolver os problemas que me angustiavam*. (Conf. V - 7.12). Desse momento em diante, Agostinho passou a descrever as teorias de Fausto como, meras fabulas maniqueístas, o que demonstra um resfriamento dele em relação às doutrinas. (conf. V – 7.13).

Em 383, aos 29 anos de idade, desiludido com o bispo maniqueu Fausto e com a gnose maniqueísta, Agostinho partiu para Roma. O desejo de abandonar Cartago, um ambiente considerado por ele insuportável, devido a grande presença de adeptos do maniqueísmo e a ânsia de encontrar uma cidade, que atendesse sua ambição de subir mais alto na escala do sucesso como orador, pesou muito em sua decisão de ir para a capital do Império.

Em Roma ele não encontrou o êxito da fama de bom orador, muito menos conseguiu um bom salário como esperava. Pouco tempo depois da sua chegada, foi atingido por uma

⁶ Neste momento o maniqueísmo já era citado como uma seita, pois trazia em sua filosofia traços da gnose, que pretendia derramar em todos os problemas uma luz maior do que a do cristianismo. (CAULY, Mons. História da religião e da Igreja. Livraria Francisco Alves. São Paulo – SP. 1913, P. 129).

⁷ Conhecimento esotérico da verdade espiritual, combinando mística, sincretismo religioso e especulação filosófica, que diversas seitas dos primeiros séculos da era cristã, consideradas heréticas pela Igreja cristã Católica, acreditavam ser essencial à salvação da alma.

grave doença que quase o levou a morte (VIGINI, 2012, p. 53). Em seguida a esse fato, foi para Milão, onde se encontrou com sua mãe, que, neste momento, o convence a encontrar-se com o bispo Ambrósio, na esperança de ver seu filho convertido ao cristianismo.

O encontro de Agostinho com Ambrósio marcou significativamente a vida do primeiro, visto que se interessou pelo conhecimento deste bispo, como nos afirma Hamman: (...) *acompanha as suas pregações, conquistando-se pelo encanto de suas palavras* (...) (HAMMAN, 1977, p. 229). Sua simpatia por Ambrósio lhe fez querer confessar longamente com ele, sobre sua inquietude em relação à fé e ao conhecimento. As interpretações espirituais dos textos bíblicos feitas por Ambrósio projetou em Agostinho um novo modo de entendimento das escrituras. Essas discussões acabaram movendo-o para a compreensão do que ele considerou como “ministério divino” e o aproximou do cristianismo. (BROWN, 2005, p.61).

Em *Confissões* ele afirma ter se enchido de angustia pela vida que levava e por isso viu naquele momento a necessidade de se converter a religião de sua mãe. A conversão de uma pessoa adulta ao cristianismo, naquele momento, se dava por dois caminhos: o primeiro pelo catecumenato simples, uma iniciação cristã; o segundo se dava pelo chamado dos competentes que constituíam um grupo de pessoas que já haviam se escrito para o batismo. Para estes o rito do batismo se iniciava ainda na *Festa da Epifania*, ali o bispo recordava o significado do sacramento e dirigia aos catecúmenos palavras de incentivos ao perdão e a uma nova vida de arrependimento.

Na noite de um sábado de 387, Agostinho, seu filho Adeodato, e Alípio - um amigo que desde o início de sua carreira como retórico lhe acompanhavam, recebeu o batismo das mãos de Ambrósio na catedral de Santa Tecla:

(...) Quando chegou o momento em que deveria dar meu nome para o batismo (...) quis também Alípio renascer em ti, juntamente comigo, já revestido da humildade tão de acordo com teus mistérios (...). Juntamos também a nós Adeodato, filho do meu pecado, a quem tinhas dotado de grandes qualidades. Com quinze anos apenas, superava em talentos muitas pessoas maduras e eruditas. (*Conf. IX 6.14*).

Alguns meses depois do batismo, Agostinho, Mônica e alguns da família e seus amigos retornaram para a África. Nessa viagem, sua mãe foi acometida de uma febre que a deixou muito debilitado e, aos 56 anos de idade não suportou as fortes dores e faleceu, no final do verão de 387 (BROWN, 2005, p 64). Após a morte de Mônica, Agostinho se viu

dividido entre os estudos, as suas meditações e as conversas com seu filho Adeodato e seus amigos.

Por volta de 388, iniciou seus livros *Os costumes da igreja católica e os costumes dos maniqueus*⁸ e *O Livre Arbítrio*, que seriam concluídas por volta de 395, dois anos antes de escrever suas *Confissões*.

Sem que ele mesmo tomasse a iniciativa, veio em breve uma oportunidade de provar sua fé de recém-convertido, quando o bispo Valeriano de Hippo Regius, o convidou para passar alguns dias em sua casa em Hipona. Durante sua estadia, o bispo o convidou para assumir o cargo de assistente do bispado. Em 396, “com a morte deste, Agostinho assumiu definitivamente o cargo”. (MILLER 1957, p.168).

O ambiente religioso e político do Império romano, na época em que Agostinho foi nomeado bispo de Hipona, estava bastante tumultuado, visto que o poder militar e a disciplina administrativa de Roma tornavam-se cada dia mais fraco, por conta das invasões de tribos bárbaras. Godos e Vândalos, que tinha penetrado cada vez mais fundamente ao coração do império.

Foi neste clima que Agostinho começou a exercer o cargo em seu bispado. Nesta cidade (Hipona) em que os católicos eram a minoria. Embora, desde Teodócio o catolicismo fosse a religião oficial, mantinham-se por todas as províncias dezenas de religiões.

Naquele momento histórico, ser bispo era ao mesmo tempo ser governador, administrador, juiz e conselheiro em toda a circunscrição da diocese.

Agostinho por idealismo religioso fez voto de pobreza e distribuiu entre os pobres a herança paterna; porém, vendo-se agora, como administrador de uma diocese com a sagração episcopal, tornou-se proprietário de imensos domínios da Igreja em Hipona: *inspeccionava campos, vinhedos, olivais e estudava os preços das diversas mercadorias, fiscalizava o os movimentos dos centros comerciais entre outras funções* (MADUREIRA⁹ 1973, p. 95). E, entre outras coisas, procurava elevar o nível cultural dos habitantes de Hipona, fazendo abrir estabelecimentos de ensino, nomeando professores e presidindo os exames finais de cada ano. Estas e outras funções eram atribuídas a ele e a outros bispos de sua época.

⁸ Possídio enumera cerca de vinte e oito livros especificamente classificados *contra manichaeos*, mas são muitos os escritos e as referências na obra de Agostinho. (PELLEGRINO, Michele. (1955), apud: Possídio).

⁹ MADUREIRA, Pedro Paulo de Sena. Biblioteca de História; grandes personagens de todos os tempos – Santo Agostinho, p. 95.

1.2 - A África romana nos tempos de Agostinho.

Durante o episcopado de Agostinho, no ano de 410, Roma, a cidade “santa” da cristandade, caiu nas mãos das tropas de Alarico. O perigo de ser governado pelos germânicos “teutões” pendia largamente sobre o continente africano. Os Vândalos, acompanhando as pegadas Gôdas, arrebanhavam territórios em varias partes da Europa, principalmente na Espanha, e estavam prontos, sob o comando de Genserico, a exercer uma poderosa campanha contra a região romana da África do Norte.

No começo de 429, o exército de Vândalos conseguiu entrar em diversas regiões da África do Norte, Hipona cidade do episcopado de Agostinho, se tornou uma fortaleza que, por algum tempo, um número crescente de pessoas chegavam em fuga. Cabia ao bispo a missão de acolhê-los: (...) *alimentava os famintos, vestia os nus, e resgatava os cativos. Sua ânsia de ajudar não conhecia limites; era tão ilimitado como a miséria e a desgraça humana (...)*. (MILLER, 1957, p. 170).

Porém, neste mesmo ano de 429, mais precisamente em maio, as tropas de Genserico conseguiu chegar a Hipona: (...) *num sermão, na basílica da cidade, Agostinho, patriota devotado do grande império, com lagrimas nos olhos deplorou a catástrofe (...)* (MADUREIRA 1973, p 116). A cidade passou a sofrer a mesma sorte que outras da África Setentrional, as tropas vândalas agiam de maneira cruel, destruindo algumas igrejas, e invadindo os prédios públicos.

Para José D’Assunção Barros (2012), os saques e a crise do fim do império romano, ofereceram-se como uma verdadeira arena para embates intelectuais entre os defensores do paganismo da antiguidade e o cristianismo do império convertido: (...) *desejavam culpar o campo oposto pelos eventos mais alarmantes que iam se produzindo no Império.* (BARROS 2012, p 30).

Vários foram os tratados e argumentos que atribuíram aos cristãos as causas para as longas invasões bárbaras sobre Roma. Na contra mão destes, outros tratados foram assinados tanto por Agostinho, quanto por dois contemporâneos a ele, Orósio e Salviano. Orósio buscou situar uma posição relativa no debate entre cristãos e pagãos, escrevendo uma literatura que mostrava sempre existir, em tempos remotos, desgraças e invasões sob o mundo romano. Já Salviano em sua obra *Do governo do mundo*, sustentou a ideia de que as causas para a tomada de Roma pelos bárbaros se deram pelos inúmeros modos desregrados e a insistência da permanência dos cristãos ao mundo escuro do paganismo e das heresias.

A posição de Agostinho para esses e outros tratados foi bem singular. Ele escreveu um novo trabalho, no qual livrava os cristãos de todas e qualquer culpa atribuída pela ocupação das tropas bárbaras nas regiões do Império.

O trabalho de Agostinho sobre esse tema levou quase quatorze anos para ser concluída. Intitulado *Cidade de Deus*, esse foi o mais extenso dos seus tratados. Nele o bispo se empenhou em desenvolver o caráter circunstancial e histórico da civilização denominada por ele de “Jerusalém terrena”, que deveria proceder ao plano de salvação dos cristãos rumo a chamada “Jerusalém eterna”: (...) *tratava-se de uma noção cuja generalidade e clareza veio a ganhar um novo peso e uma nova intensidade à medida que as igrejas do Ocidente e da África se preparava para enfrentar um mundo sem o Império Romano.*” (BROWN, in: SILVA, 2013, p. 32).

Portanto, a própria explicação para a queda de Roma por Alarico¹⁰, manteve-se na esfera da irrealidade (DONINI, 1996, p. 248), pois nem mesmo a “Cidade de Deus” e a cidade dos homens (Hipona), estariam desvinculadas desta realidade temporal. Ao trazer suas discussões sobre o problema do bem e do mal em *Cidade de Deus*, ele começa a discursar sobre a luta pela cidade eterna, com fundamentações históricas da passagem humana sobre a terra.

Para tal, serviu-se de uma postura, defensora em relação à Igreja Católica, assim assumida por Agostinho a partir de 397 até os primeiros anos do século V. Parte dessa defesa se deu na construção de um discurso árduo de oposição a grupos religiosos não cristãos como era o caso dos maniqueus. Foram vários os tratados antimaniqueus: (...) *“para desmontar a estrutura das argumentações maniqueias”* (VIGINI 2012, p. 137).

Assim, as preocupações com as heresias, que circundavam seu domínio eclesial (Hipona), fez de suas obras verdadeiras fontes para um estudo das discussões sobre heresias nos primeiros séculos da era cristã.

¹⁰ Alarico foi líder de um grupo de soldados e serviu sob o imperador Teodósio I até a morte deste em 395. O império divide-se de novo na sucessão entre irmãos: o Império Romano do Oriente com Arcádio, e o Império Romano do Ocidente com Honório.

Capítulo 2

As Heresias e as refutações de Agostinho contra elas.

2.1 - O que é Heresia?

“Convém que haja heresias para que se veja o que se deve aprovar”

(1 cor. 11,19)

“Depois de uma primeira e uma segunda advertência, é preciso temer e não frequentar o homem herético”.

(Tito 3,10)

As duas citações da literatura bíblica, escritas por Paulo às comunidades cristãs das regiões cretense de Corinto e Tito, mostra-nos que a ideia de heresias já era conhecida entre os primeiros conversos do cristianismo. Neste momento, os “hereges” eram todos aqueles que agiam de maneira contrária ao que fora pregado pelos apóstolos, nos primeiros dois séculos da cristandade.

Epistemologicamente a palavra “Heresia”, vem do grego *haireisis*, *hairein* que significa “tomar”, “escolher”, “segurar”, ou até mesmo “eleger”, portanto fazer uma escolha plausível por um lado, excluindo ou não, o lado oposto (MAGALHÃES, 1998, p 126). Heresia neste caso faz referência ao que quer estar no caminho “reto”, associado a um pensamento derivado de Cristo e de seus apóstolos. (THOMÉ, 2004, p 28).

Na doutrina cristã Católica este termo, que apareceu inicialmente nas obras dos apóstolos Paulo e Pedro, e mais tarde nas de Justino, é atribuído a aqueles que se configuravam como “opositores dos credos” e doutrinas aprovados nos concílios ecumênicos.

Para (BARROS 2012), na Antiguidade Tardia, ainda não se pode dizer que exista uma ortodoxia formal do cristianismo e da Igreja, tão pouco um cânon de escrituras sagradas, propriamente cristãs, havendo apenas as judaicas como parâmetro de doutrina: *Ortodoxos conforme sejam os homens que praticavam a fé de acordo com o jogo de poderes de nomear, tendo sempre um lado oposto para fazer-lhes oposição, quanto à verdade e seus defensores.* (BARROS, 2012, p.56).

Na epístola do apóstolo Pedro tem-se uma descrição feita por ele acerca dos “falsos profetas” e “falsos mestres”: (...) *houve falsos profetas (...) e entre vocês apareceram falsos mestres... Que trarão heresias perniciosas.* (2 Ped.2 - 1). Para Pedro, desde Israel, os cristãos estavam cercados por hereges, falsos profetas, que incitavam. Aos povos convertidos à dúvida, lançavam a incerteza e professavam doutrinas contrárias às pregadas pelos apóstolos: (...) *Houve falsos profetas no povo de Israel, e entre vocês também irão aparecer falsos mestres que trarão heresias perniciosas: negarão o Senhor que os resgatou e atrairão sobre si repentina destruição (...).* (2 Ped.2 - 1).

Não é surpreendente que em um grande número de centros cristãos, distribuídos pelas colônias romanas, que estavam se formando junto à dinâmica cultural e religiosa local, se desenvolvesse uma variedade de formas de cristianismos.

Particularmente, o cristianismo que surgiu na região de fala grega, esteve mergulhado em um credo crítico aos padrões sociais, intelectuais do povo e de sua sociedade. Alguns modos de cristianismo foram aos poucos compreendidos como “heresias” dentro das discussões dos concílios.

Para os historiadores e pesquisadores medievalistas Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, no verbete “heresia” do *Dicionário temático do ocidente medieval*, este termo não está tão claro dentro da própria História da Igreja. Porém, está na raiz e no coração desta, (...) *o problema da heresia nasce com o cristianismo (...). As heresias foram catalogadas desde o fim do século II, a lista estereotipada alongou-se e a Idade Média conheceu-a por intermédio de Santo Agostinho.* (LE GOFF, 2002,p.503).

A heresia ou as heresias nasceram com a evolução do próprio cristianismo, seja nas províncias romanas ou nas ilhas gregas, como Creta e Corinto, porém foi necessário que este cristianismo percorre-se um caminho de pelo menos um século, para fazer seu primeiro catalogo dessas outras vertentes de fé que faziam oposições ao cristianismo católico.

A constituição de um corpo canônico de livros, que seria tomado como testamento dos apóstolos e de Cristo, e da coleção de textos judaicos considerados “ortodoxos” (retos na fé), fez deste grupo de eleitos na visão católica ocidental, descendentes da linhagem direta dos ensinamentos de Cristo. Assim, outras formas de cristianismos não poderiam ser acolhidas e a eles foi dado pelo credo católico, o título de herege.

O nascimento de uma reflexão mais clara sobre as heresias se deu a partir II século d. C., quando escritores cristãos começaram a se preocupar em escrever tratados contra o gnosticismo. Estes textos constituíam-se por exposição das refutações de uma ou de várias doutrinas; o tratado escrito por Irineu de Lião “*Contra heresias (adversus haereses)*”, foi dos mais importantes para o período. Este material traz três ideias básicas: (1) a exaltação da unidade e unicidade de Deus; (2) a recapitulação do projeto original de Deus que se efetiva como história de salvação; e, por fim, (3) a educação progressiva do homem. Para Irineu o homem é um ser em desenvolvimento em vista de uma maturidade: (...) “*o que este processo passa do ser criado à imagem de Deus para assemelham-se ao próprio Deus*”. (IRINEU, 185).

As refutações propriamente ditas, aparecem contra aquelas ideias que ele considera heréticos e se dão pela exposição das variedades de sistemas por ele criticados, pelas suas argumentações contra as doutrinas gnósticas e, por fim, por uma genealogia do erro e dos desviantes (hereges).

Na Ásia Menor, Inácio de Antioquia, dirigia-se aos cristãos da cidade de Magnésia, defendendo o pensamento de que as raízes judaicas, da vida de Cristo, foi um grande evento para a doutrina cristã. Ele procurou, em seus escritos, criar uma identidade única que caracterizasse os cristãos como uma unidade, uma coletividade histórica que funcionasse como um impeditivo a sedução posta pelas doutrinas estrangeiras: (...) *não vos deixeis seduzir por doutrinas estranhas, nem por velhas fábulas sem utilidade* (Inácio de Antioquia, 110 apud: ZERNER, 2009, p. 41).

Outros textos de tratados contra as heresias na Antiguidade Tardia são atribuídos a Orígenes; porém, a identidade do autor dessas refutações se atribui a Hipólito que escreve ao bispo Epifânio de Chipre (376), e trazem textos considerados, como uma “caixa de primeiros” socorros contra as “pestes” e “feras venenosas” que seriam os “hereges”. Estes tratados se tornaram muito presente entre as leituras dos clérigos da igreja no seu início, quando estava se formando o corpo dogmático doutrinário da Igreja Católica.

George Duby, trouxe uma discussão sobre a temática “heresias e Sociedade”, em 1968, O autor afirma que não podem perder de vista as questões referente às heresias e aos hereges, na sua relação com àqueles que se consideram “ortodoxo”, aqueles que caminhavam no caminho “reto” da Igreja. Aqui, Duby faz uma análise de uma sociedade herética da alta Idade Média. A Igreja naquele momento reafirmava sua ortodoxia e sua posição frente a outros que eram vistos como heresiarcas (heréticos). O herético demandava uma cultura própria e uma camada social elitizada, e produzia suas escolhas, que aos olhos de outros eram vistas como heréticas: (...) *“todo herético tornou-se tal por decisão das autoridades ortodoxas. Ele é antes de tudo um herético aos olhos dos outros”* (...). (DUBY 1989, p 177).

Na obra “Inventar a heresia?” (2009), Monique Zerner, reúne trabalhos de pesquisadores que discutem a heresia como um discurso apologético. Ou seja, por meio da análise histórica de intelectuais que usavam a retóricas como instrumento de defesa, de homens produtores de teorias que buscavam posicionar-se em favor de um lado, em contra posição a outro que considerava desviante. A autora reúne artigos e pesquisas que vão traçar um perfil das heresias e dos hereges: “Enquanto nós nos interessamos mais pelas

manipulações dos textos, pela instituição eclesiástica, isto é, pela relação do texto escrito com a verdade e a construção de uma verdade (...)", (ZERNER 2009, p 9).

Para Zerner, as questões das heresias chegaram até nós por meio do "poder da escrita", ou seja, por tudo o que eles deixaram escritos e por suas teorias e sermões falados e discursados em embates teológicos, cuja questão principal era definir as características que daria corpo à ideias heréticas ou desviantes da "fé reta":

"Estimamos que hay que considerar como herejes manifiestos a aquellos que predicán o profesan publicamente ideas contrarias a la fe católica y que defienden el error; también aquellos que hayan sidos convictos en presencia de sus prelados, ya sea porque lo hayan confesado, sea porque hayan sido objeto de una sentencia de condenación." (Inocêncio III 1209; in: THOMÉ 2004,p.18.)

Fazendo uma análise mais próxima dos textos e das teorias reunidas de Monique Zerner (2009) em "*Inventar a heresia?*", ou no artigo de Rosana Alves Baptista Pinheiro (2006) "*A heresia em questão: "níveis de cultura" ou expressão de autoridade?*", vemos que aquilo que é considerado como heresias mesmo em períodos diferentes, é tudo aquilo que são todos aqueles que negam um batismo considerado antes ortodoxo, reto, verdadeiro e agora lhe faz oposição em tudo o que ele possa representar, tanto no âmbito cultural, quanto no meio religioso, social e político: (...) *herege é o individuo que tendo sido batizado, ou seja, tendo se submetido ao conjunto de dogmas e verdades aceitas pela Igreja, passa a negar ou duvidar desse conjunto ou de parte dele (...)*. (PINHEIRO 2006, p 32).

Jean-Pierre Weiss em "Agostinho Contra Faustum", artigo também presente na obra "Inventar a heresia", demonstra o quanto esta questão, se insere na tentativa de estabelecer os limites e as definições de um cristianismo em contato com o maniqueísmo, o politeísmo romano e o monoteísmo judaico, por meio dos embates apologéticos de Santo Agostinho contra o Bispo maniqueísta Faustum de Milevo. Para Weiss, após o Concílio de Calcedônia de 451, o herético passou a ser definido como aquele que não reconhecia a totalidade de uma doutrina fundada na tradição.

Para Nachman Falbel, essas primeiras heresias tratadas pelos apologéticos da primitiva igreja cristã católica, distingue-se daquelas que ocorreram nos séculos XII e XIII, tanto pelo seu caráter puramente filosófico quanto teológico, no qual faziam especulações em torno dos dogmas e dos princípios antes formado, "(...), em geral dogmas e pensamentos que tratavam da Trindade, da natureza divina e humana de Cristo e das próprias questões relacionadas à essência da divindade", (FALBEL 1977, p.13).

Para este a sociedade medieval cristã, a heresia era entendida como uma quebra da ordem divina e da sociedade, da caracterização, de seu sentido popular assentado e moldado sobre uma visão ética da instituição religiosa católica. As punições para esses heresiarcas (hereges), tinham uma origem longínqua, remetendo às legislações do período de Diocleciano, que estabeleciam uma luta contra o maniqueísmo e contra os cristãos. Essas eram moldadas em antigas leis pagãs do Império romano, que o próprio corpo canônico da igreja já havia modificado ou tomou para si.

Para o século IV e meados do século V, temporalidade a qual percorro nesta pesquisa, as heresias tem um lugar muito claro: os concílios. A partir deles formou-se toda uma literatura que justifica as decisões tomadas e legitima por este lugar de fala. Os textos apologéticos colocam-se dentro deste exercício de legitimação, dessa ortodoxia, e contrárias aos discursos do oponente que defendiam em suma teorias opostas.

Para tal, as questões da produção, da circulação e da recepção dos códigos, leis e dogmas da Igreja continuaram indicando os caminhos válidos, para a compreensão das heresias na medievalidade e, em última análise, para a compreensão dos jogos de poder do corpo clerical da Igreja Católica Romana, deste período histórico.

Podemos dizer que o discurso contra o Outro, coloca-se como lugar de afirmação do poder perante a sociedade em uma diocese tão tumultuada como aquela que Agostinho assumiu e da qual tratamos no capítulo anterior.

Colocar-se contra um grupo religioso que defende ideias que foram condenadas no concílio é, portanto, uma questão política para Agostinho, visto que esse exercia uma posição social, que requeria manter o controle sócio político da diocese por ele governada.

2.2 – Embates de Agostinho contra as heresias em *Confissões*

Como já dissemos, no começo do quinto século da era cristã, a sociedade ocidental esteve com seu tempo repleto de perigos vindos de outras regiões, que ameaçavam a unidade do cristianismo. Foi neste contexto que Agostinho se viu com a árdua tarefa de assegurar e livrar a Igreja das ameaças dos grupos cismáticos¹¹ e heréticos. Foi em uma verdadeira variedade de Cristianismos e permanências da cultura e da religião romana que “Santo Agostino” viveu.

¹¹ Pessoa ou grupo que segue um cisma político, ideológico, religioso ou social.

Enquanto ele pregava nas igrejas de sua diocese de Hipona, os sacerdotes de Faunus¹² celebravam seus festivais das *Lupercalia*¹³. Mesmo fora dos domínios de Agostinho, estas movimentações religiosas mantiveram certa influência no imaginário da população local, tanto nos domínios eclesiais do seu bispado, como em outras localidades da África romana.

Das várias obras que Santo Agostinho escreveu, Confissões é sem dúvida a mais interessante para uma análise quanto à compreensão desse autor em relação às divergências dogmáticas do cristianismo. Visto que, ao longo da descrição sobre sua trajetória pessoal, política e intelectual, ele põe em confronto sua experiência frente a outras formas de fé e de cristianismo. Outra obra plausível para análise é “*De Haeresibus ad Quodvuldeus*”, a qual nada mais é do que um catálogo contendo cerca de 90 heresias contemporâneas a seu governo episcopal em Hipona.

Agostinho discute em Confissões acerca da natureza do tempo, e em todos os momentos busca mostrar como viveu e como os fiéis devem comportar-se diante da moral cristã; discute também como conviver e superar os conflitos de sua própria cultura. Ele traça caminhos e adaptações para enfrentar as influências vindas de outras experiências religiosas, como por exemplo, o gnosticismo, o platonismo, o maniqueísmo etc. Todos eles já condenados pelos concílios ecumênicos da Igreja antes de sua obra, mas muito presente ainda no norte da África, no momento do seu episcopado.

Confissões é uma autobiografia. Mas, ao nos depararmos com o sétimo livro temos uma construção puramente apologética, ou seja, vemos aqui um discurso de defesa de uma verdade, um percurso de argumentações defensivas e anti-heréticos.

Agostinho inicia o livro confessando sua dificuldade de conceber e entender Deus da forma como Este era proposto pelos cristãos. Seu percurso para entender e chegar até Ele, nos mostra um mergulhou em outros entendimentos filosóficos pregados pelos gnósticos. Não devemos nos esquecer de que ele era um conhecedor de Platão e que isso lhe proporcionava um entendimento amplo da filosofia grega.

Suas reclamações sobre as múltiplas tarefas que pesavam sobre si, já bispo quando da escrita desta obra, nos mostram a importância que as heresias tinham na região do seu bispado

¹² Entre os romanos, faunus eram deidades das florestas selvagens com pequenos chifres, pernas de cabra e um pequeno rabo; os padres que seguiam esta seita da mitologia grega, eram chamados Luperci, vertiam peles de cabra e caminhavam pelas ruas de Roma batendo nos espectadores com cinto feitos de pele de cabra.

¹³ Segundo Nicholaj Frisvold, o propósito original da Lupercália era o de purificar a cidade e exorcizar os perímetros de espíritos malignos e seres hostis. Justino, o Mártir, identificava Lupercus (ou seja, aquele que afasta o lobo) com Fauno, dando-nos os atributos de Pã como aquele que era saudado pelos poetas românticos da época. (Nicholaj de Mattos Frisvold – A Arte dos Indomados, p. 38)

e vemos o espaço que elas foram ganhando na sua produção intelectual. Ele nos fala da necessidade de enfrentar os cismas, ou heresias, que dividiam a Igreja da África: “(...) *bastava-me, Senhor, para esmagar aqueles sedutores seduzidos, aqueles faladores mudos, pois o vosso Verbo não falava por meio deles (...)*” (Conf., livro VII, cap.2).

Dentro do próprio corpo da Igreja da África romana, estavam igualmente em ação as tendências que para ele eram destruidoras das conquistas teológicas e religiosas que a Igreja adquiriu ao longo do tempo. Havia os Donatistas,¹⁴ chamados de os “puritanos” do primitivo cristianismo como ele os nomeou.

Os donatistas eram um grupo de religiosos cristãos, que estabeleceram uma igreja própria e estavam muito presentes no norte da África. Eles se caracterizavam por certo “fanatismo” que os impulsionavam a agir de forma violenta contra os cristãos católicos.

Também estava na região da África romana, o maniqueísmo, da qual Agostinho foi adepto e que, o imperador Teodósio, tornou ilegal, visto ser convicto seguidor da doutrina do credo niceniano. Este mesmo homem proíbe os cultos pagãos em 391 com fundamentações no que foi aprovado concílio de Nicéia (325).

O maniqueísmo espalhou-se pela Ásia ocidental e pelo Norte da África, e se fundamentava em um tipo de gnosticismo, uma filosofia dualista segundo a qual a salvação dependia do conhecimento (gnose) da verdade espiritual.

Todas as formas de gnosticismo ensinava que a vida terrena era dolorosa e radicalmente perversa. A iluminação interior, ou gnose, revela que a alma, a qual participa da natureza de Deus, desceu ao mundo maligno da matéria humana e deveria ser salva pelo espírito e pela inteligência. A partir disso, Manes, o profeta do terceiro século da era Cristã, afirmava em seu credo que haviam duas divindades, do bem e do mal, que estavam separada uma da outra, conceito em geral chamado de “dualismo”.

A ética maniqueísta justificava a gradação hierárquica da comunidade religiosa, uma vez que varia o grau de compreensão da verdade entre os homens, fato inerente à fase de interpenetração entre “luz e trevas”. Distinguiam-se os eleitos, ou “perfeitos”, que levavam vida ascética em conformidade com os mais estritos princípios da doutrina de Mani. Os demais fiéis, chamados ouvintes, contribuía com trabalho e doações. Por rejeitar tudo o que era material, o maniqueísmo não admitia nenhum tipo de rito nem símbolos materiais

¹⁴ O donatismo: cujo nome advém de Donato de Casa Nigra, bispo da Numídia e posteriormente de Cartago, foi uma seita religiosa cristã, considerada herética e cismática pelo catolicismo romano. Surgiu nas províncias do Norte de África na Antiguidade Tardia.

externos. Os elementos essenciais do culto eram o conhecimento, o jejum, a oração, a confissão, os hinos espirituais e a esmola.

Esses grupos de maniqueus afirmavam que Cristo, sendo o verbo divino, não era consubstancial a Deus tal quanto humano. Ou seja, sendo Cristo criado da mesma matéria de Deus, não poderia ser gerado no ventre de uma mulher humana. Eles se baseavam nos fundamentos dos Pelagianos¹⁵. Em contra ponto, a essa heresia, Santo Agostinho diz em seu discurso que: (...) *se tudo o que escreveram que ele comeu, bebeu, dormiu e fez caminho, fosse falso, também todo o resto que foram dito e escritos sobre a própria humanidade também seria falso.* (Conf. VII,2).

Santo Agostinho faz, ao longo de seus discursos em *Confissões*, duras críticas e severas objeções a esse grupo. Ele afirma que estes não eram capazes de responder a todos os seus questionamentos, anseios e ânsia pelo conhecimento:

(...) certo de que não era verdadeira a doutrina que estes homens pregavam. Fugia deles com a alma, porque, quando eu indagava a origem do mal, via-o repletos de malícia que levava a crerem antes sujeita ao mal a Vossa substancia do que deles ser susceptível de cometê-lo. (*Confissões VII, 9*).

Outro grupo herético presente em Hipona eram os neoplatônicos¹⁶. Este grupo defendia a ideia do “logos” como eterna palavra, inteligência ativa, transformadora e ordenadora de Deus em sua ação sobre a realidade, que se revelava pela verdade, mas não incorporou em matéria. Esta doutrina, vinda de Plotino (o platonismo), tornava possível a compreensão da essência espiritual das coisas criadas. Tal forma filosófica de pensamento tornava fácil a compreensão da essência espiritual de todas as coisas criadas. A luz da visão neoplatônica, reconhecia também a homogeneidade divina do bem e do mal, compreendia que o mal não era uma força independente, que não tem existência por si mesma, mas sim derivada de um produto de erros constante, um resultado plausível de uma vontade que se desviou do Ser Supremo.

¹⁵ O Pelagianismo foi um conceito teológico que negava o pecado original, a corrupção da natureza humana, o servo arbítrio (arbítrio escravizado, cativo) e a necessidade da graça divina para a salvação. Todo homem é totalmente responsável pela sua própria salvação e, portanto, não necessita da graça divina. Segundo os Pelagianos, todo homem nasce "moralmente neutro", sendo capaz, por si mesmo, sem qualquer influência divina, de salvar-se quando assim o desejar. Uma das grandes disputas durante a Reforma Protestante versou sobre a natureza e a extensão do pecado original. (Marlesson Castelo Branco do Rego 2006).

¹⁶ Neoplatonismo é o termo que define o conjunto de doutrinas e escolas de inspiração platônica que se desenvolveram do século III ao século VI mais precisamente da fundação da escola alexandrina, O filósofo mais importante desta escola foi Plotino, que se formou em Alexandria – centro urbano que era então o cenário da convergência entre o pensamento grego e o oriental - e posteriormente transferiu-se para Roma. Os textos por ele produzidos foram depois compilados por seu discípulo Porfírio em uma obra conhecida como as Seis Enéadas.

Junto ao maniqueísmo, ao donatismo e ao arianismo¹⁷, a doutrina do monge britânico Pelágio arrancou um número crescente de cristão para fora da Igreja cristã de Nicéia. Os Pelagianos negavam a importância da graça divina, como um meio necessário de salvação e proclamavam uma autonomia absoluta da vontade humana.

Na luta constante de Agostinho contra esses movimentos considerados heréticos, ele sempre procurou usar da sua boa arguição. As palavras dele sobre esses movimentos religiosos trazem a convicção, de quem possuía uma grande habilidade de escrita para compor tratados.

O uso da retórica, neste momento, foi crucial para Agostinho em seus embates, antes de tudo teológicos, e, principalmente, políticos. As buscas da perfeita escrita e das palavras exatas fizeram de seus tratados, verdadeiras armas contra seus opositores.

¹⁷ Doutrina de Ário (250-336), padre cristão de Alexandria (Egito), que afirmava ser Cristo a essência intermediária entre a divindade e a humanidade, negava-lhe o caráter divino e ainda desacreditava a Santíssima Trindade.

Capitulo 3

Argumentos de Santo Agostinho contra o maniqueísmo

3.1 – O discurso apologético como verdade.

O gênero de literatura apologética tem como fundo discursivo a proposta de provar a verdade/autoridade de determinada forma da fé cristã, e construir uma narrativa em que as teses contrárias a isto, sejam esvaziadas de qualquer elemento de verdade ou credibilidade.

Essa estratégia discursiva está na base dos tratados, desenvolvidos pelos padres da Igreja Católica romana no período da Antiguidade Tardia, principalmente aqueles que tinham como intuito colocar-se contra ideias que consideram contrária a essa forma de cristianismo.

Este estilo de escrita é visto em várias obras escritas por Santo Agostinho, mas fica mais evidente nos seus textos de caráter apologético. Obras que tem por objetivo a defesa de sua posição frente a uma tese ou teoria, que julga a plena verdade a ser descrita e falada em seus discursos ao público de sua diocese. Em suas *Confissões* ele traz esse tipo de escrita, ao justificar cada um dos erros que ele considerava ter cometido antes de converter-se ao cristianismo. No desenrolar dessa narrativa vai criando um discurso de “verdadeira fé”, na qual é atribuído ao outro (herege), a causa de todo o mal por ele cometido tanto na juventude quanto na vida adulta.

A justificativa dele de que seus oponentes foram a causa de sua vida desviante é claramente descrita em vários trechos de *Confissões*. Em alguns momentos ele traz ao leitor a certeza absoluta do mal que esses (hereges) causaram a ele e a sociedade em que estava inserido. Para Brown (1999, p. 69), Agostinho “tendia a apresentar, a Igreja não só como verdadeira, mas também como uma igreja da maioria dos fiéis, portanto, a única detentora da verdade”.

Neste discurso nota-se a ideia de que a humanidade, cuja ordem seguia a ordem divina, retornaria à felicidade perdida com a expulsão do paraíso. Mas, só poderia caminhar para isso se alcançasse a experiência da fé correta. Os hereges, dentro desta perspectiva, apresentam-se como conturbadores dessa ordem, promotores do caos social; (...) *tal afirmação é por si, mesma falsa, e logo, a primeira palavra, digna de abominações.* (Conf. VII, 2).

Não devemos nos esquecer que o nascimento da ideia de heresia, tem como ponto de partida as críticas e as refutações aos movimentos gnósticos, que se popularizou desde a metade do segundo século da era cristã.

“Quando se vê nascer aquilo que se chamará de heresia, percebe-se que as dificuldades de organização das comunidades cristãs forçaram alguns responsáveis (...) a definir a identidade cristã, sua fé e suas

práticas por meio de uma crítica (...), da diversidade das correntes cristãs.” (DUBOIS, 2009, p.39).

Estes caracteres bastante peculiares e sistemáticos das exposições sobre os que eram considerados heresiarcas estavam ligados às doutrinas filosóficas descritas por intelectuais e pensadores não cristãos que deixavam entrever “alguma falha”.

Portanto, para Agostinho a verdade não podia ser encontrada nas antigas filosofias, Assim, este método de refutação daquilo que não era considerado a verdadeira fé cristã, procurava ele reduzir ao erro toda uma corrente de pensamentos relacionada ao gnosticismo: “(...) *aqui aprende-se as palavras, aqui adquire-se a eloquência tão necessária para persuadir e expressar os pensamentos, (...) diziam verdades e mais verdades..., mas não existia neles.*” (Conf. I – 16, III – 6)

3.2 - Apologia de Agostinho contra os maniqueus.

Por sua própria concepção da luta entre o bem e o mal e sua vocação universalista, o maniqueísmo dedicou-se a intensa atividade missionária. Como religião organizada, expandiu-se rapidamente pelo Império Romano. Do Egito, disseminou-se pelo norte da África, onde atraiu um jovem pagão que mais tarde, convertido ao cristianismo, seria doutor da igreja cristã e inimigo ferrenho da doutrina maniqueísta: Santo Agostinho.

O maniqueísmo explica a existência do mal por meio de duas substâncias antagônicas e, da mesma forma, o pecado é explicado. A alma do homem é consubstancial a Deus, e, portanto, é boa por natureza. Já o corpo, formado pela matéria, é ontologicamente mal (COSTA, 2003, p. 26).

Para Agostinho o problema do mal apresentado pelos maniqueus, não provinha de Deus e sim das ações humanas. Para ele deveria se observar três dimensões do mal: (1) metafísica, da não existência do mal no cosmo; (2) da moral, onde o pecado humano sobre sai as suas virtudes; (3) a dimensão física, provinda das doenças, dos sofrimentos e da morte humana. Essas três faces provindas da corrupção corpórea pesariam sobre a alma o que não seria a causa, mas a pena do mal.

Quando era fiel ao maniqueísmo, Agostinho acreditava que o mal fosse obra de um “deus das trevas”. Em *Confissões*, ele esboça a ideia de que a livre escolha humana produz efeitos contrários quanto à moral e ao próprio caráter. Há uma tentativa aqui em reestabelecer

o sentido positivo da carne em relação à forma pessimista concebida pelos maniqueus - o corpo aparece nessa fé como o principal responsável pelos desregramentos do homem.

Nessa obra Agostinho desenvolve a ideia de que não é a carne corruptível que torna a alma pecadora, mas, sim, a corrupção humana é atraída pelos vícios. Para ele, ter paixões não é um mal, o pecado está em não saber dominá-las.

O conhecimento da doutrina maniqueísta, seu proselitismo e, enfim, seu processo de conversão ao cristianismo, segundo ele, lhe impôs uma militância apostólica antimaniqueu. Tarefa que ele iniciou logo após a sua conversão e batismo em 388, quando começou escrever várias obras de refutações contra as heresias e contra os maniqueus.

A primeira obra anti-maniqueia, o “De moribus”, é escrita apenas dois anos após sua conversão, e a segunda, “De duabus”, quando era presbítero. Nestas primeiras obras, o neoplatonismo aparece de forma marcante, sendo usado para responder a principal questão do maniqueísmo: a origem do mal (COSTA, 2003, p. 19): (...) *certo de que não era verdadeira a doutrina que estes homens pregavam. fugia deles com a alma, porque, quando eu indagava a origem do mal, via-os repletos de malícia que os levava a antes sujeita aos maus.* (Conf. VII, 3).

Neste texto apologético de Agostinho contra o maniqueísmo “De moribus”, ele associa a verdade ao cristianismo e à igreja católica. Esta seria a única seguidora dos Evangelhos e dos ensinamentos de Cristo, afirmando a continuação entre os Testamentos. Para ele, os cristãos deteriam todas as virtudes, visto que se encontravam unidos no “Corpo de Cristo” e, conhecendo a verdade e o sumo bem, o que os colocava em relação direta com a felicidade. Já os maniqueus, para ele, por se afastarem da verdade, não possuindo o sumo bem, se encontravam no erro, na mentira, o que os caracterizava como viciosos pecadores:

“Agostinho estabelece a igreja católica como a norma, como os verdadeiros cristãos detentores de virtudes que os levarão à felicidade e os maniqueus como sendo a negação das normas cristãs, pois praticam uma fé errônea, são orgulhosos e viciosos, ou seja, não possuem nenhuma das virtudes cristãs e assim nunca encontrarão a felicidade.” (CORREIA, 2014, p. 103)

Em *Confissões* Agostinho dedica vários capítulos a esta questão, trazendo discursos de apologias contra o maniqueísmo, a qual vai ligando a ideia de erro e, portanto, definindo-o como heresia. Ao mesmo tempo ele precisa justificar seus próprios erros, por ter sido embriagado pelas “mentiras” e “facilidades” que os maniqueus propunham para atrair adeptos para suas doutrinas. Em uma fala com Nebrídio, seu amigo, Agostinho argumenta: *Bastava-me, para esmagar aqueles sedutores seduzidos* (conf. VII, 2); esta argumentação, mostra-nos

qual visão ele tinha do maniqueísmo após sua conversão ao cristianismo. Para ele os maniqueus deveriam ser esmagados, pois suas palavras seduziam seus fiéis, tais como ele próprio, teria sido seduzido ainda na juventude.

Enquanto Agostinho fora maniqueu, o problema do mal era de fácil solução para si; o mal seria corpóreo e teria sua origem no princípio antológico eterno das trevas. Após sua conversão, ele passou a ter essa questão do mal como algo muito presente em suas discussões, pois, se não existia duas forças antológicas criadoras, para que se atribuísse a uma delas a origem do mal, conforme afirmavam os maniqueus, de onde este teria sua origem? “*Buscava a origem do mal, mas buscava-a erroneamente..., Qual a sua origem, se Deus, que é bom, fez todas as coisas?... donde, pois vem o mal?*” (Conf. VII, 5).

Agostinho escreve um texto chamado *Comentário de Gênesis contra Maniqueu*, na qual traz uma alegoria do primeiro livro bíblico, traçando meios apologéticos contra os erros maniqueístas. Contra as ideias de gnose, ele vai explorar, principalmente, a dinâmica da declinação humana, deixando claro que não passa de uma falácia do espírito. Para ele, quando a alma “abandona o bem”, alimenta-se do que é mutável como se o alimento fosse imutável. O problema, pois, não seria o alimento sensível em si, mas a ilusão de que sensível seria a própria nutrição espiritual.

O desenvolvimento da narrativa de *Confissões* vai deixando claro que na visão de Agostinho, apenas um grupo seletivo de clérigos, tais como os bispos, eram santos por viver uma vida de perfeição já na terra, (CORREIA 2014, p.104). Mas, essa vida não cabia a outros grupos sociais. Os maniqueus, por sua vez, estavam cegos pelo pecado e pelo erro, e por isso não conseguiam compreender as escrituras sagradas. Percebendo apenas o mundo corpóreo, não alcançando a linguagem elevada das Escrituras:

“Oh, se estes hereges pudessem compreender ainda que apenas estas verdades, livres de todo orgulho e cheios de espírito da paz, não honrariam a outro Deus que o que em ti e em teu colo, oh igreja Santa, se honra e adora!” (De moribus I, XXX, 64, apud; CORREIA 2014, p.106).

Agostinho compara os maniqueus a fiéis supersticiosos, que merecem ser resgatados para uma fé verdadeira: “*Ai de ti, torrente dos hábitos humanos*” (Conf. I 16); para ele ainda existia salvação para os maniqueus que aceitassem a fé católica. Mas, alerta sobre a diferença entre e aqueles que eram os verdadeiros hereges, pregadores que tentavam enganar e seduzir seus ouvintes – ignorantes incultos e incautos -, e estes últimos que seriam enganados e seduzidos. Os primeiros seriam obstinados no erro, hereges, que continuam a pecar pela má

vontade. Já os ouvintes, encontram-se no erro por serem enganados, mas não eram hereges, pois, entrando em contato com a verdade, poderiam se arrepender desse erro.

O discurso de Agostinho é destinado a esses, para que compreendam a verdade e reconheçam seu erro. Ele procura anular a eficácia do discurso maniqueísta por meio do esvaziamento das suas afirmações, as quais são classificadas como vontade e vaidades humanas.

Conclusões finais

O presente trabalho buscou pensar os conceitos de heresia e ortodoxia dentro da obra *Confissões* de Santo Agostinho. Procuramos mostrar como viveu santo Agostinho no século IV da era cristã e sua relação com as formas divergentes de sistemas religiosos, presentes no universo dos grupos cristãos na Antiguidade tardia. Destacamos aqui os maniqueus, do qual nosso autor chegou a ser adepto antes de converter-se ao cristianismo.

Partindo do objetivo da análise desenvolvida, vimos como este homem que tanto influenciou o pensamento cristão utilizou-se da cultura greco-romana e cristã para legitimar

uma ortodoxia que, em muitos aspectos, construiu-se a partir da oposição a ideias que ficaram as margens desse cristianismo católico, do qual nosso autor era defensor. Um dos pontos cruciais, portanto, foi o estudo apologético que se constrói dentro da sua obra *Confissões*, discurso que se fundamenta na contraposição da ideia de “verdade” e “erro”.

Isso se faz, por exemplo, no caso do maniqueus, com o jogo de oposição entre luz e trevas. Os primeiros são os habitantes da luz, as almas que são da mesma natureza de Deus; os segundos são aqueles amarrados à matéria e, por isso, estão presas ao mesmo lugar onde se encontram as coisas das trevas. Para Agostinho os hereges que seguiam ao maniqueísmo aderiram às coisas que amaram, abandonadas na mesma esfera das trevas de que elas se tornaram merecedoras por merecimento próprio. Por isso, padeceram da separação de sua primitiva e luminosa natureza. Desta forma, ele vai construindo a ideia de incongruência do pensamento maniqueísta, ao qual se contrapõe a clareza do pensamento cristão, no pecado aparece como escolha da livre vontade do ser humano.

Nossa pesquisa, por fim, quer deixar uma reflexão sobre a importância que os sistemas religiosos que fizeram parte do universo cultura da Antiguidade Tardia, têm na construção de uma ortodoxia cristã, visto que, como podemos perceber na questão sobre o mal tratado por Santo Agostinho em *Confissões*, muitas das reflexões que estão por trás daquilo que ficou definido dentro dos cânones dos concílios ecumênicos fundadores do cristianismo católico, vieram de questões impostas por práticas e experiências religiosas divergentes e/ou concorrentes a ele. Portanto, um estudo sobre a ortodoxia cristã não pode estar completo sem que se compreenda o universo de movimentos heréticos que circulam na sua órbita.

Anexos

Anexo 1

Mapa: África do setentrional (Numidia) nos tempos de Agostinho.



Fonte: google mapas, disponível em:

https://www.google.com/search?q=mapa+de+hipona+de+santo+agostinho&tbm=isch&source=univ&sa=X&ved=2ahUKEwiA_5GD3q3hAhXHHLkGHZGKBSgQsAR6BAgJEAE&biw=1366&bih=657#imgrc=RnIOWutFx3dIGM:

Anexos 2

Imagem 1: Santo Agostinho , Em um afresco do século 6 – Roma



Fonte: Google imagens, disponível em:

<https://www.google.com/search?q=imagens+de+santo+agostinho+de+hipona>

Imagem 2: **Mani, Em gravura Persa.**



Fonte: Google imagens, disponível em:

https://www.taringa.net/+info/el-profeta-mani-y-el-maniqueismo_i8uwe

Referências bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução Alex Marins. Editora Martin Claret Ltda. São Paulo – SP. 2008.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução Maria Luiza J. Amarante. Editora Paulus. São Paulo – SP. 1984.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução J. Oliveira Santos. Livraria Apostolado da Imprensa. Porto, Portugal. 1966.

ANJOS, Crislayne Fátima dos. **O Malleus Maleficarum e o pensamento inquisitorial: o Tribunal do Santo ofício da Inquisição e suas conexões com o cotidiano e cultura de uma época (século XV)**. IN: Revista Mosaico; vol. 7 nº11/ 2016.

BARROS, José D'Assunção. **Papas, Imperadores e Hereges na Idade Média**. Editoras Vozes, Petrópolis – RJ. 2012.

BROWN, Peter. **A ascensão do cristianismo no ocidente**. Editora Presença. Lisboa, Portugal. 1999.

BROWN, Peter. **Santo Agostinho**, uma biografia. Tradução: Vera Ribeiro. Editora Recorde. São Paulo – SP. 2005.

BASCHET, Jérôme. **Limites e Contestações da Dominação da Igreja**. In: A Civilização Feudal: do ano 1000 à colonização da América. Tradução: Marcelo Rede; prefácio Jacques Le Goff. Editora GLOBO. São Paulo – SP. 2006.

CANTÚ, Césare. **Idade heroica do Cristianismo**. In: História Universal vol. VII. Editora das Américas S.A. São Paulo-SP. 1964.

CORREIA, Joana Paula Pereira. **Maniqueísmo: Religião, Seita ou Heresia?**. Anais: XXVII AMPUH BRASIL. Natal –RN. 2013.

_____ **O discurso anti-maniqueu de Agostinho de Hipona na construção da identidade cristã** / Joana Paula Pereira Correia. – 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **maniqueísmo: Filosofia e Religião**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Heresias**. In: Dicionário vocabulário histórico-cronológico do português medieval. Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro – RJ. 2014.

DONINI, Ambrogio. **Início da época constantiniana: A crise política, social e religiosa do século IV**. In: História do cristianismo das origens a Justiniano. Edições 70, Lisboa – Portugal. 1995.

- DROBNER, Hubertus R. **Agostinho de Hipona**. In: Manual de Patrologia. Tradução: Orlando dos Reis e Carlos Almeida Pereira. Editora Vozes. Petrópolis – RJ. 2003.
- FALBEL, Nachman. **Heresias medievais**. Coleção khonos. Editora Perspectiva S.A., São Paulo – SP. 1977.
- GOFF, Jacques Le. e SCHMITT, Jean-Claude. **Heresias**. In: Dicionário Temático do Ocidente Medieval. Tradução: Hilário Franco Júnior. Editora EDUSC. São Paulo – SP. 2002.
- HAMMAN, A. **Os padres da Igreja**. Tradução: Isabel F. L. Ferreira. Editora Paulinas. São Paulo – SP. 1977.
- ITURBE, José Rodríguez. **Historia de las ideas y del pensamiento político**, una perspectiva de occidente. Grupo editorial Ibañez, universidad de La Sabana, Bogotá – Colombia. 2007.
- LIÃO, Santo Ireneu de. Bispo de Lião. **Contra as Heresias**. Tradução Loureço Costa. Editora Paulus. São Paulo – SP. 1995.
- MAGALHÃES, Ana Paula Tavares. **Heresia Medieval**. In: Revista USP. São Paulo. p. 216-221, março/Maio 1998.
- SCHMITT, Jean Claude. Os fundamentos latinos e patrísticos da noção de superstitio. In: **História das Superstições**. Fórum da História, São Paulo – SP. 1997.
- SESÉ, Bernard. **Agostinho o convertido**. Editora Paulinas. São Paulo – SP. 2012.
- THOMÉ, Laura Maria Silva. **Da Ortodoxia à Heresia: os Valdenses (1170 – 1215)**. Curitiba – PR. 2004.
- VIGINI, Giuliano. **Santo Agostinho: A aventura da graça e da caridade**. Tradução: Antonio Efro Feltrin. Editora Paulinas. São Paulo – SP. 2012.
- ZERNER, Monique. **Inventar a Heresia? Discursos polêmicos e poderes antes da Inquisição**. Editora UNICAMP. Campinas – SP. 2009.